



VOLPI, José Henrique. Wilhelm Reich e os psicanalistas freudianos: rupturas, estigmas e controvérsias teóricas na história da psicanálise. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (org.). **Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 24, p. 16-19, 2023. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-24-ano-2023/>. Acesso em: _____.

WILHELM REICH E OS PSICANALISTAS FREUDIANOS: RUPTURAS, ESTIGMAS E CONTROVÉRSIAS TEÓRICAS NA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE

José Henrique Volpi¹

RESUMO

Este artigo examina criticamente os erros teóricos e metodológicos perpetrados por Wilhelm Reich e outros psicanalistas da tradição freudiana, incluindo Sigmund Freud, Carl Jung, Alfred Adler e Otto Rank. Apesar de Reich ter sido amplamente marginalizado e descredibilizado, sustenta-se que suas falhas não são significativamente diferentes das de outros autores da mesma época, que também criaram teorias sem suporte empírico. O estigma persistente em relação a Reich reflete não apenas o cenário político da Guerra Fria, mas também o conservadorismo científico que rejeitou suas ideias de integração entre corpo, sexualidade e sociedade. A análise se baseia em pesquisas históricas e epistemológicas da psicologia.

Palavras-chave: Epistemologia científica. Freud. História da psicologia. Jung. Psicanálise. Wilhelm Reich.

1. INTRODUÇÃO

Uma das principais contribuições para a psicologia moderna foi a psicanálise, estabelecida por Sigmund Freud no final do século XIX. No entanto, desde o seu início, teve uma relação ambígua com a ciência. Seus principais representantes — Freud, Jung, Adler, Rank e Reich — propuseram hipóteses que, apesar de inovadoras, não foram submetidas a verificação empírica.

Wilhelm Reich (1897–1957) se destacou entre eles por suas tentativas de combinar psicanálise, marxismo e biologia, o que resultou em perseguições científicas e políticas. Ao passo que as falhas teóricas de outros psicanalistas foram superadas e reinterpretadas, Reich continuou sendo visto como um ícone da "pseudociência".

Este artigo tem como objetivo mostrar que Reich não foi o único a cometer erros, mas o único a permanecer estigmatizado, examinando comparativamente suas falhas e as de outros autores freudianos sob uma ótica epistemológica.

¹ **José Henrique Volpi** - Psicólogo (CRP-08-3685), Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Ericksoniana, Psicodrama e Brainspotting. Psicoterapeuta Corporal Reichiano, Analista psico-corporal Reichiano formado com o Dr. Federico Navarro (Vegetoterapia e Orgonoterapia). Especialista em Acupuntura clássica e Método Ryodoraku (eletrodiagnóstico computadorizado de medição da energia dos meridianos do corpo). Mestre em Psicologia da Saúde. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. volpi@centroreichiano.com.br



VOLPI, José Henrique. Wilhelm Reich e os psicanalistas freudianos: rupturas, estigmas e controvérsias teóricas na história da psicanálise. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (org.). **Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 24, p. 16-19, 2023. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-24-ano-2023/>. Acesso em: _____.

2. METODOLOGIA

Esta é uma investigação qualitativa, bibliográfica e analítica, fundamentada na revisão de estudos acadêmicos sobre a história da psicanálise e a epistemologia da psicologia. Consultou-se tanto obras originais dos autores mencionados quanto pesquisas contemporâneas de estudiosos como Ellenberger (1970), Gay (1988), Roudinesco (1998) e Richards (2003).

A análise adotou uma perspectiva histórico-epistemológica, com o objetivo de entender os equívocos teóricos no âmbito do contexto político e científico da primeira metade do século XX.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Freud e os limites do método clínico

Sigmund Freud (1856–1939) apresentou ideias inovadoras, como o inconsciente, repressão e pulsão sexual; no entanto, fundamentou grande parte de suas conclusões em amostras reduzidas e interpretações subjetivas (GAY, 1988). Sua análise da chamada "teoria da sedução" — na qual deixou de relacionar as neuroses a abusos reais e passou a vê-las como fantasias inconscientes da infância — é considerada por alguns autores um erro ético e científico. Mesmo assim, Freud é reconhecido como fundador e não como charlatão.

3.2. Jung e o misticismo arquetípico

Carl Jung (1875–1961) se afastou de Freud ao introduzir as idéias do inconsciente coletivo e dos arquétipos. Suas formulações se aproximaram da filosofia e da religião, em vez da psicologia empírica (ROUDINESCO, 1998). Jung admitiu o aspecto simbólico e metafísico de suas ideias, porém sua obra é analisada como uma contribuição cultural, e não como pseudociência — uma diferença significativa em relação ao tratamento dado a Reich.

3.3. Adler e o reducionismo social

Alfred Adler (1870–1937) introduziu a Psicologia Individual, destacando a sensação de inferioridade e a busca por poder. Apesar de ter trocado o determinismo sexual de Freud por um social, seu sistema continuou com um caráter especulativo e generalista, sem fundamento experimental (ELLENBERGER, 1970). Adler, mesmo assim, é recordado como um humanista precursor da psicologia social.



VOLPI, José Henrique. Wilhelm Reich e os psicanalistas freudianos: rupturas, estigmas e controvérsias teóricas na história da psicanálise. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (org.). **Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 24, p. 16-19, 2023. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-24-ano-2023/>. Acesso em: _____.

3.4. Reich e o materialismo corporal

Wilhelm Reich foi o único a procurar uma base biológica para a psicanálise, ao tentar quantificar a energia sexual (libido) como uma força física — o “orgone”. Essa tentativa de tornar os conceitos psíquicos mais naturais foi cientificamente errônea, porém alinhada com o positivismo da época (SHARAF, 1994).

A sua perseguição pela Food and Drug Administration (FDA) e a queima de seus livros em 1956 demonstram um processo de criminalização que foi político, além de científico (TURNER, 2011). Reich foi punido por desafiar tanto os princípios da psicanálise quanto os padrões morais da sociedade conservadora dos Estados Unidos.

3.5. O duplo padrão científico e moral

Ao passo que Freud e Jung tiveram suas falhas teóricas reinterpretadas como fases do progresso da psicologia moderna, Wilhelm Reich foi progressivamente marginalizado e classificado como “pseudocientista”. Essa discrepância no tratamento evidencia um duplo padrão, tanto epistemológico quanto político, no âmbito científico: Freud e Jung, associados à elite intelectual e cultural da Europa Central, faziam parte de instituições que validavam sua criação simbólica, apesar das polêmicas e revisões teóricas (GAY, 1988; ELLMANN, 1998).

Reich, comunista, crítico do fascismo e defensor de uma revolução sexual e energética, desafiou diretamente as instituições de poder político e científico daquele período (TURNER, 2011).

A disparidade no tratamento desses autores demonstra que os critérios de validação científica não são neutros; eles são influenciados por valores morais, ideológicos e institucionais. O caso de Reich demonstra que a marginalização de um pesquisador pode ser consequência não só de suas hipóteses empíricas, mas também do caráter político e moral de suas concepções (BÉJIN, 1980).

Nesse contexto, o estigma associado a Reich vai além do âmbito puramente científico e se insere nas interações entre conhecimento, poder e moralidade. Isso é analisado por Michel Foucault em *A vontade de saber* (1976), em que expõe como a ciência e as instituições moldam o discurso sobre sexualidade e determinam o que pode ser visto como “verdade” ou “desvio”.

Assim, compreender o “caso Reich” implica reconhecer a dimensão política do conhecimento científico, onde a legitimação de certas teorias e a rejeição de outras refletem estruturas de poder e regimes de verdade historicamente determinados.



VOLPI, José Henrique. Wilhelm Reich e os psicanalistas freudianos: rupturas, estigmas e controvérsias teóricas na história da psicanálise. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (org.). **Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 24, p. 16-19, 2023. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-24-ano-2023/>. Acesso em: _____.

4. CONCLUSÃO

A análise comparativa mostra que todos os psicanalistas da tradição freudiana cometeram erros teóricos e metodológicos em maior ou menor grau. Contudo, somente Wilhelm Reich passou por uma marginalização sistemática e prolongada, frequentemente respaldada por critérios políticos e morais camuflados de objetividade científica.

Sua exclusão do campo da psicologia e da psicanálise não pode ser entendida somente como resultado de erros teóricos, mas também como manifestação de um duplo padrão epistêmico, em que as fronteiras entre ciência, ideologia e poder determinam quem pode gerar conhecimento.

Nesse contexto, o "caso Reich" vai além da biografia de um pesquisador polêmico: revela a dimensão política do reconhecimento científico e evidencia como a ciência, ao buscar neutralidade, muitas vezes perpetua as hierarquias e os valores morais de sua época.

Entender Reich não se resume a revisitar um episódio da história da psicologia, mas a questionar os mecanismos de exclusão e legitimação que ainda hoje moldam o campo científico. É importante lembrar que a produção de conhecimento é, inevitavelmente, também um ato de poder.

REFERÊNCIAS

- BÉJIN, André. *Sexualidade e poder: de Reich a Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- ELLMANN, Maud. *Freud's double: psychoanalysis and literature*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ROUDINESCO, Élisabeth. *História da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SHARAF, Myron. *Fury on Earth: a biography of Wilhelm Reich*. New York: St. Martin's Press, 1994.
- TURNER, Christopher. *Adventures in the orgasmatron: Wilhelm Reich and the invention of sex*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.